Sucesso técnico

Os bons resultados da safra justificam hipóteses otimistas. Além disso, melhoram os números da balança comercial

LUIZ ANTONIO PINAZZA

É alta a aposta em um desempenho excepcional da agricultura para contribuir com a expansão do PIB nacional em 2001. A atividade primária deverá ter o maior incremento dos últimos anos em seu produto setorial.

A notícia se irradia positivamente pelo agribusiness e atinge boa parte dos negócios da economia. O comportamento de outras variáveis agregadas – tais como uma taxa maior de investimento – também ajuda muito.

Quadro positivo

A área de exportação, que no cômputo geral projeta um déficit, terá o benefício da maior disponibilidade de produtos para embarque, embora as *commodities* agropecuárias andem em conjuntura de preços desfavoráveis. De qualquer forma, garante-se uma receita adicional importante.

Além disso é preciso não perder de vista a tendência de crescimento das importações, diante do aquecimento da economia e do esgotamento da capacidade instalada de alguns setores industriais no país. O resultado da balança comercial pesa fortemente na taxa de câmbio e na formação das divisas.

Portanto, desenha-se um quadro positivo para a expansão da agroindústria neste ano. É o resultado da expectativa de crescimento econômico moderado, inflação baixa, redução na taxa de desemprego e recuperação do rendimento médio dos assalariados.

Os setores mais afetados pelo crescimento do consumo serão os de carnes – aves, bovinos e suínos –, lácteos, alimentos processados e fibras têxteis naturais. Há no entanto uma tendência de queda na demanda *per capita* de farinha de mandioca, arroz e feijão.



Brasil: variação % do PIB

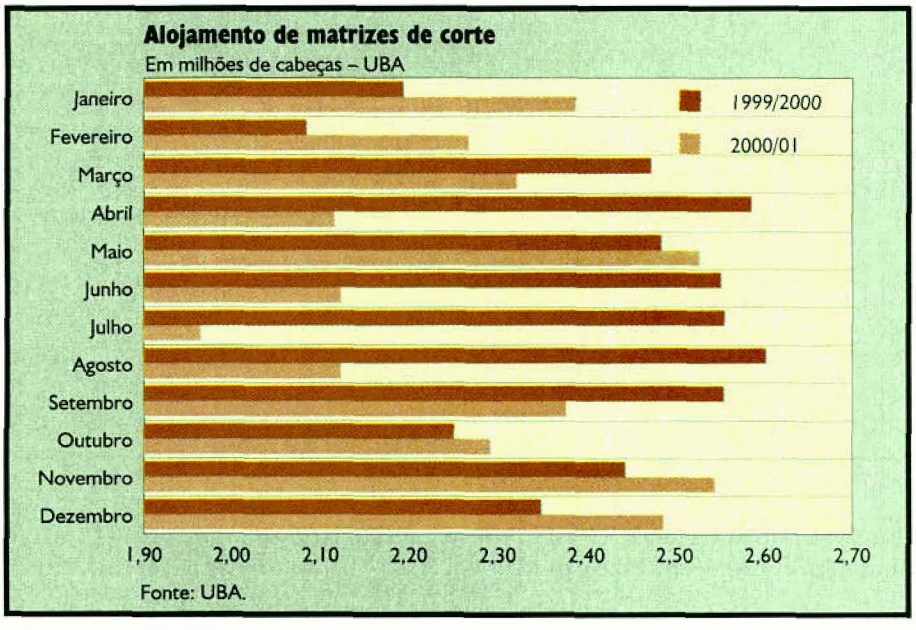
Ano	Agropecuária				Indústria	Serviços	Total país
	Lavoura	Extração vegetal	Produção animal	Total			
1991	0,56	-10,76	4,31	1,37	0,26	0,33	1,03
1992	5,81	-3,47	5,88	4,89	-4,22	0,3	-0,54
1993	-2,27	11,15	1,32	-0,07	7,01	1,76	4,92
1994	6,48	-2,31	5,23	5,45	6,73	1,8	5,85
1995	0,22	0,63	11,86	4,08	1,91	1,3	4,22
1996	4,22	3,39	3,9	3,11	3,28	2,26	2,66
1997	2,48	3,99	2,78	-0,83	4,65	2,55	3,27
1998	-0,23	-6,77	3,09	1,94	-1,45	1,11	0,22
1999	12,63	-0,99	5,94	7,41	-1,6	1,89	0,79
2000	3,15		3,3	2,9	4,79	3,61	4,2
2001*	-	-	-	7,6	5,6	3,7	4,6

Fonte: IBGE. *Previsão: Ipea.

Brasil: armazéns cadastrados na Conab

Região	Convencionais		Graneleiros		Total	
	Quantidade	Capacidade	Quantidade	Capacidade	Quantidade	Capacidade
Norte	361	1.171.639	45	360.974	406	1.532.613
Nordeste	847	2.295.100	191	2.132.997	1.038	4.428.097
Centro-Oeste	1.291	6.097.075	1.321	16.098.692	2.612	22.195.767
Sudeste	1.573	8.097.003	575	7.162.952	2.148	15.259.955
Sul	3.377	8.133.464	4.133	30.586.744	7.510	38.720.208
Total	7.449	25.794.281	6.265	61.342.359	13.714	87.136.640

Fonte: Conab.



Caminho sem volta

Com uma safra a superar a casa de 90 milhões de toneladas em cereais e oleaginosas, não há lugar para pessimismo. A perspectiva é de aumento na produção de grãos nos próximos anos. Uma oferta adequada de alimentos é a garantia mais certa e direta de um custo de vida sem pressões num item tão importante e decisivo para a opinião pública – uma conjuntura ideal para qualquer governo.

Enfim, ante os riscos peculiares de uma economia cada vez mais globalizada, pode-se dizer que o país vive um momento muito raro do ponto de vista macroeconômico.

Diante da abertura de mercado, da estabilização da economia e da redução do crédito agrícola, a marcha da transformação no setor rural brasileiro não tem volta.

Os planos econômicos, em especial o Collor (março de 1990), aprofundaram a defasagem nos índices de correção de preços e crédito. Já a valorização combial dos primeiros anos do Plano Real proporcionou condições desfavoráveis para produtos brasileiros, tanto no mercado doméstico quanto no exterior. Houve uma queda relativa na renda agrícola, perda de milhares de empregos e desvalorização dos patrimônios rurais.

O coração na boca

São justamente os agricultores sem muitas dívidas, que vêm conseguindo capitalização, os principais agentes da revolução tecnológica do campo nos anos recentes.

No transcorrer do segundo semes-

tre de 2000, os gastos maiores se deveram a insumos, máquinas e implementos. Esse é o sinal mais eloqüente de um esforço para melhorar o padrão tecnológico. O ânimo de produção andou em alta. E por sorte, sem adversidades climáticas, ataques de pragas e disseminação de doenças que rotineiramente afligem as lides rurais. Do ponto de vista técnico, a safra é um sucesso pleno.

Para o agricultor o momento é de colheita e de coração na boca. Enquanto a sociedade urbana comemora a deflação nos itens responsáveis pela taxa de inflação, o homem do campo apura suas contas. É uma angústia que faz parte do calendário agronômico.

Mas quando se trata de formação da renda agropecuária, volta sempre a dúvida sobre se uma produção maior levará a uma receita maior. Na edição de outubro, sentindo o clima de euforia reinante durante o plantio da safra, AGROANALYSIS chamava atenção para o teste da renda, principal desafio do governo para administrar a produção.

Mundo: produção de oleaginosas

Milhões de toneladas

Produto	1998/99	1999/00 (a)	2000/01 (b)
Soja	160,9	158,1	167,6
Algodão	33,2	33,5	33,1
Amendoim	31,8	30,7	31
Girassol	27,9	26,7	24,1
Colza	36,1	42,4	37,9
Palmas	5,9	6,3	6,7
Copra	4	5,3	5,3
Total	299,8	303,0	305,7

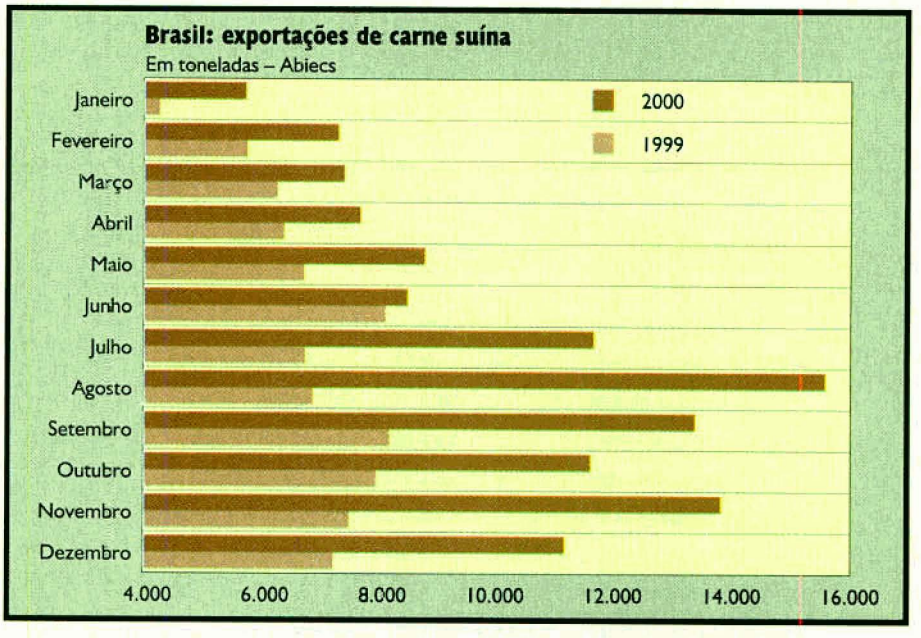
Fonte: *FAO/Giews. Food Outlook*, Jan. 2001.

(a) Estimativa. (b) Previsão.

Brasil: exportações no complexo soja para 2001

Produto	Quantidade em milhões de t	Valor em US$ bilhões
Grão	12,7	2,575
Farelo	9,6	1,872
Soja	1,25	0,38
Total	-	4,827

Fonte: Abiove.



INSTRUMENTOS INSUFICIENTES

Os instrumentos modernos de venda via bolsa de futuros, contratos de cooperação e integração ou relações de trocas agroindustriais cobrem uma parcela menor da produção. A evolução, a inovação e a criatividade nas práticas comerciais de venda de grãos foram até agora insuficientes para sustentar renda e liquidez a uma safra razoável para o país, da ordem de 100 milhões de toneladas.

Cerca de dois terços da safra são representados por milho e soja. A situação sempre foi mais difícil para o primeiro, a depender basicamente do mercado doméstico.

No segundo trimestre os gargalos ficam mais evidentes na estrutura de transporte e armazenagem. Os fretes sobem e falta espaço para colocar a produção. A comercialização fica lenta, e não é só pela ausência e retirada estratégica de compradores.

Instrumento para catalisar o escoamento da safra, as operações de EGF – empréstimo do governo federal – têm sido pouco eficazes. Os agentes financeiros preferem as agroindústrias.

Os benefícios para os agricultores constituem a garantia de preços mínimos, mas há muita exigência burocrática quanto às condições do produto armazenado, e a garantia é de 150% sobre o valor do crédito. O prazo não passa de 180 dias e é proibida a venda dos 50% da garantia excedente.

Modalidades com regras mais ágeis ganham terreno – duplicatas rurais (DRs) e notas promissórias rurais (NPRs). Os contratos de opção e os subsídios ao transporte da produção do Programa de Escoamento da Produção (PEP) vêm sendo o principal foco de atuação da política governamental.

ALGODÃO: BOAS PERSPECTIVAS

A recuperação da cotonicultura nacional conta com uma conjuntura favo-

Safra 2000/01

Recorde confirmado

A terceira estimativa de intenção de plantio elaborada pela Companhia Nacional de Abastecimento, Conab, ratifica o recorde de produção da safra nacional de grãos.

A repercussão dessas projeções sobre o mercado não chegou a causar sobressaltos. Fizeram parte desse trabalho 62 técnicos da entidade em levantamento efetuado em 443 municípios, durante 4 e 10 de fevereiro. Comparada à segunda estimativa, nota-se na terceira uma pequena variação para menos: 150 mil toneladas.

A colheita prevista é de 91,270 milhões de toneladas. Em dezembro a previsão fora de 91,421 milhões. Essa redução se explica por uma fraca estiagem em algumas regiões produtoras do Centro-Sul. De qualquer forma, o resultado está cerca de 10% acima do volume da safra 1999/00.

O novo cálculo suscita expectativas de crescimento de produção da soja, cujo comportamento surpreendeu. A colheita poderá chegar a 34,8 milhões de toneladas, abrindo espaço para algumas divisas a mais. Em contrapartida, recuaram os números de milho, arroz e feijão.

O milho, de vital importância para o arraçoamento dos animais, sofreu declínio de 500 mil toneladas em sua primeira safra. Isso não afeta o quadro de abastecimento. Para o governo, o desafio será evitar uma queda maior nos preços.

No caso do arroz, a redução na colheita também não provoca preocupações, em função dos estoques oficiais carregados de temporadas passadas. Para o feijão, menor disponibilidade agora certamente elevará as cotações, estimulando o plantio das culturas de inverno e da seca.

Brasil: estimativa da produção de grãos
Safras 1999/00 e 2000/01; em mil toneladas

	Produção		Variação
Cultura	1999/00 (a)	2000/01 (b)	% (b/a)
Caroço de algodão	1.187,4	1.416,4	19,29
Amendoim total	171,6	195,9	14,16
Arroz	11.423,1	10.800,3	-5,45
Aveia	194,1	194,1	0,00
Centeio	6,8	6,8	0,00
Cevada	369,0	369,6	0,16
Feijão total	3.078,0	2.821,5	-8,33
Girassol	97,4	97,4	0,00
Mamona	107,4	123,5	14,99
Milho total	31.640,5	37.971,6	20,01
Soja	32.344,6	34.800,1	7,59
Sorgo	781,4	851,6	8,98
Trigo	1.621,7	1.621,7	0,00
Brasil	83.023,0	91.270,5	9,93

Fonte: Conab.

rável no mercado interno e externo.

As importações deverão cair com o aumento da safra nacional. No mercado doméstico, a demanda gira em torno de 900 mil toneladas e supera a produção. A administração do estoque remanescente da safra 1999/2000 – 55 mil toneladas em mãos privadas e 36 mil toneladas com o governo – provoca alguma inquietação. Mas 25% da safra estavam antecipadamente vendidos até o final de janeiro, o que espanta previsões pessimistas.

A implantação do PEP foi bem recebida pelo setor, principalmente em Mato Grosso, responsável pela metade da colheita. O PEP subsidia o valor de frete, de forma a equalizar o preço pago na região produtora e o valor ofertado nas regiões consumidoras. Garante-se assim o fluxo da safra do Centro-Oeste para o Sudeste e Nordeste.

Do lado das exportações, a quantidade embarcada deverá mais do que quintuplicar: 160 mil toneladas. Cerca de 70% desse volume já foram negociados e as principais praças importadoras são a Inglaterra, Itália, Suíça e Indonésia.

O Brasil não ganha espaço apenas no aspecto quantitativo, mas também em qualidade. A pluma nacional apresenta uma fibra mais longa e vai conquistando o comércio internacional. É uma situação bem mais sólida do que a de 10 anos atrás, quando foram embarcadas 110 mil toneladas.

As cotações internacionais da pluma estão em alta e superam em mais

Brasil: principais importações no agronegócio

Produto	Receita em US$ mil			Quantidade em t		
	2000	1999	Var.%	2000	1999	Var.%
Trigo	864.753	832.119	3,9	7.522.694	6.891.134	9,1
Algodão	322.974	357.454	-9,6	299.896	278.306	7,7
Milho	178.752	88.577	101,8	1.770.457	822.146	115,3
Arroz	133.034	275.113	-51,6	729.332	1.207.416	-39,6
Leite	373.100	439.900	-15,1	307.000	384.000	-20,1
Total	1.872.613	1.993.163	-6	10.729.379	9.583.002	10,9

Fonte: Secex. Números sujeitos a revisão.

Brasil: principais exportações no agronegócio

Produto	Receita em US$ mil			Quantidade em t		
	2000	1999	Var.%	2000	1999	Var.%
Complexo soja	4.149.456	3.732.666	11	21.824.128	20.781.225	
Grão	2.187.879	1.593.294	37	11.517.265	8.917.210	29
Farelo	1.650.509	1.503.294	10	9.375.412	10.430.879	-10
Óleo bruto	299.575	564.202	-47	910.357	1.297.051	-30
Óleo refinado	11.495	71.599	-84	21.094	136.085	-85
Café	1.760.629	2.441.220	-28	1.012.189	1.315.355	-23
Grão	1.559.125	2.230.111	-30	966.699	1.271.434	-24
Solúvel	201.504	211.109	-5	45.490	43.921	4
Carne bovina	778.871	804.210	-3	314.352	291.577	8
Industrializada	275.576	360.375	-24	125.697	140.837	-11
In natura	503.295	443.835	13	188.695	150.740	25
Frango	828.746	892.813	-7	916.093	776.387	18
Industrializado	23.009	17.375	32	9.347	5.806	61
In natura	805.737	875.438	-8	906.746	770.581	18
Açúcar	1.199.110	1.910.692	-37	6.502.373	12.100.110	-46
Refinado	437.620	748.387	-42	2.158.298	4.273.130	-50
Bruto	761.490	1.162.305	-34	4.344.075	7.826.980	-45
Suco de laranja	1.019.256	1.235.055	-17	1.224.461	1.168.134	5
Fumo	812.841	883.534	-8	341.448	340.924	0
Total	10.548.911	11.900.190	-11	32.135.044	36.773.712	-13

Fonte: Secex. Números sujeitos a revisão.

Brasil: balanço de oferta e demanda de milho

Mil toneldas

Safra	Estoque inicial	Produção	Importaçao	Consumo	Exportação	Estoque final
1998/99	3.122	32.393	900	35.000	0	1.413
1999/00	1.415	31.641	2.100	34.480	0	676
2000/01	676	38.947	200	36.235	600	3.138

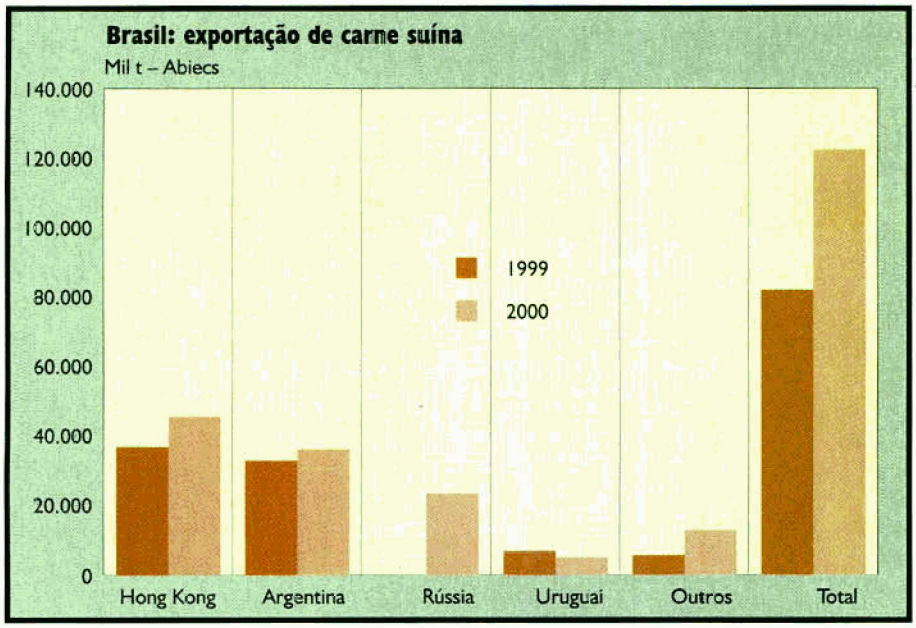
Fonte: Conab. Posição em fevereiro.

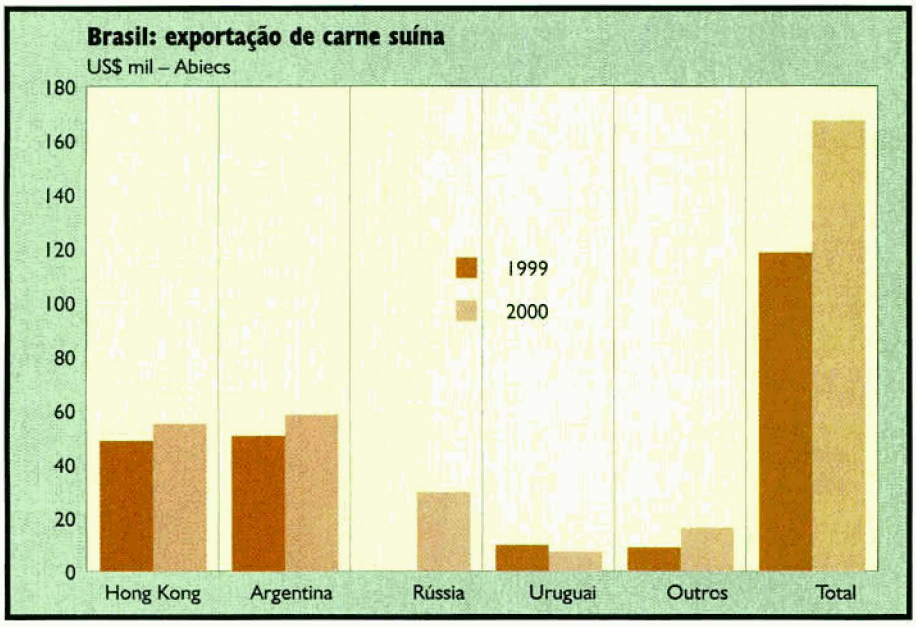
de 30% os valores do início do ano passado. Os contratos futuros estão sendo negociados em torno de 60 a 65 centavos de dólar por libra peso. Houve uma redução de 10% nos últimos meses, em face das expectativas de aumento na colheita mundial. A expectativa de aumento no consumo chinês em cerca de 10% é a notícia mais positiva.

Arroz tem altos estoques

A comercialização do produto tem sido bem problemática nos últimos anos. O arroz concentra os maiores estoques governamentais – 2,3 milhões de toneladas. Entre março e novembro de 2000 os preços ficaram abaixo do mínimo de garantia, de R$12,38 a saca. A partir da segunda quinzena de novembro, as cotações ensaiaram uma alta, que durou de dezembro a janeiro mas arrefeceu rapidamente em fevereiro.

É justamente na região da orizicultura gaúcha, onde estão depositadas 820 mil toneladas dos estoques nacionais, que afloram as maiores dificuldades. A dívida do setor produtor é elevada e o ritmo das vendas não alcança a liquidez adequada. O governo





intervém no mercado com grandes aquisições.

No Centro-Oeste, a área plantada com arroz também é significativa e o estoque oficial é o maior no país – 1,08 milhão de toneladas. Neste ano, recorreu-se ao emprego de variedades precoces, para colher e vender mais cedo a produção. A venda dos estoques oficiais no entanto esfriou os preços, o que pode afetar a rentabilidade dos orizicultores.

Para 2001 há melhores projeções, não obstante a perspectiva de pressão de baixa quando a maior parte da safra chegar ao mercado. O Uruguai e a Argentina, tradicionais exportadores para o Brasil, contam com safras menores. Isso diminuirá a oferta no Mercosul. Os estoques também estão mais baixos. Com o preço mínimo de R$14,33 a saca para a região Sul e uma dotação de recursos para escoamento de 50% da produção via PEP, a situação fica mais amena.

Milho preocupa

Os preços reais do cereal batem nos níveis mais baixos de sua história e trazem preocupação aos produtores. Se os valores da saca continuarem frouxos e abaixo de R$7,00 na região Centro-Oeste e de R$9,00 no Sul, os prejuízos serão enormes. O excedente do mercado interno corresponde a cerca de 10% do consumo. Não é muito, mas o ritmo de compra das agroindústrias tem estado lento.

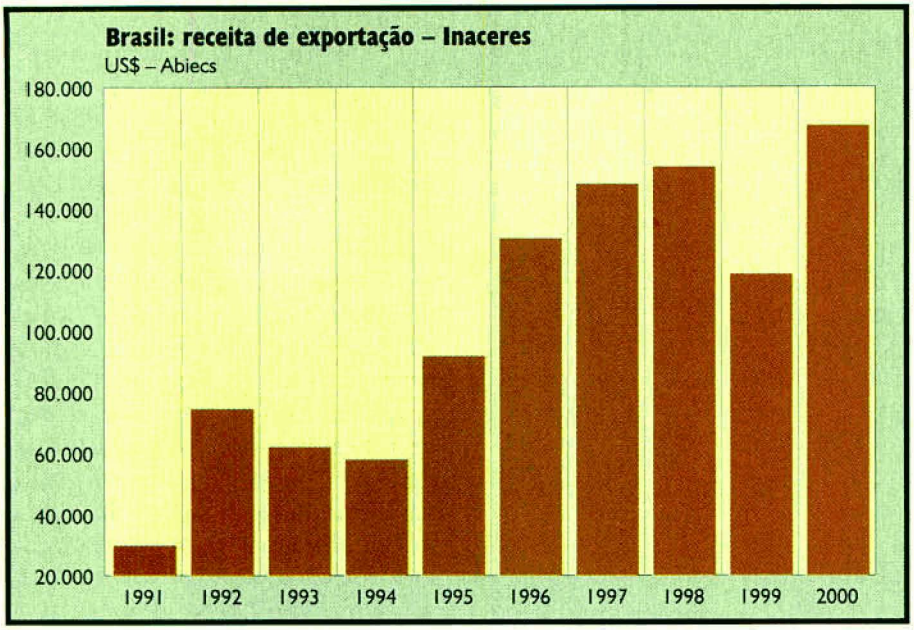
No ano passado, analistas e empresas que trabalharam com a hipótese de uma importação de 3 a 4 milhões de toneladas erraram feio. As cotações da saca chegaram a operar de R$14 a R$16 no primeiro semestre, levando ao uso de produtos sucedâneos como triticale, milheto e mais fortemente o sorgo, na ordem de 1,5 milhão de toneladas. As importações arrefeceram e não chegaram à metade do previsto. O mais surpreendente foi o país encerrar o ano com exportações.

O raciocínio inverso mas também radical pode levar a outro equívoco neste ano. Se aos embarques passarem de 600 mil toneladas e o governo formar estoques nos volumes prometidos, o mercado operará com ofertas mais dosadas. De fato, os baixos preços internos tornam o produto nacional muito competitivo nas vendas externas. O grande comprador é a União Européia, que exige grãos não transgênicos e paga inclusive um ágio. Há quatro anos o país não realizava exportações do cereal.

Mecanismos do governo

O governo anuncia algumas medidas para controlar a disponibilidade. Em operações de Aquisição do Governo Federal há uma promessa de compra de 2 milhões de toneladas a serem dirigidas para o Nordeste, o Rio de Janeiro e o Espírito Santo. Em fevereiro, para garantir o escoamento de 925 mil toneladas, o governo aportou R$ 90 milhões para AGF, PEP e leilões de compra de contratos de opção. Durante a colheita, a cada mês será anunciado o programa de trabalho.

Há mais três mecanismos para o governo administrar a safra. O primeiro, aumentando a linha de financiamento para integrados de aves e suínos. O segundo, pela prorrogação das dívidas de custeio



(R$195 milhões) de julho para novembro. E o terceiro, mediante o pagamento das dívidas securitizadas, caso em que os produtores poderão gozar de descontos de até 30% (há 10 milhões de toneladas de milho securitizadas).

Para a safrinha de milho, os fracos preços têm impacto negativo. Mesmo com uma queda de área, a colheita poderá repetir os números do ano passado, quando secas e estiagens causaram quebras nas colheitas. A produtividade ficou em níveis muito baixos. Para o corrente ano, apesar dos riscos que cercam o milho segunda safra, seria uma hipótese extremamente pessimista trabalhar com parâmetros de

Brasil: exportação e produção de frango

Mil t, 2000

Mês	Exportação			Produção		
	2000	1999	Var.%	1999	2000	Var.%
Janeiro	71.808	41.580	73	449.483	479.606	6,7
Fevereiro	61.354	53.145	15	448.456	492.385	9,79
Março	67.178	60.046	12	426.693	481.174	12,77
Abril	75.056	62.785	20	436.288	476.451	9,2
Maio	70.889	67.138	6	457.231	476.975	4,32
Junho	63.622	65.459	(3)	464.278	468.533	0,91
Julho	76.132	51.130	49	476.873	461.172	-3,3
Agosto	105.846	76.315	39	473.248	455.979	-3,25
Setembro	83.844	78.768	6	484.040	469.586	-2,99
Outubro	82.415	66.922	23	475.028	472.442	-0,55
Novembro	86.735	61.042	42	468.350	491.877	5,02
Dezembro	61.867	86.218	(28)	468.577	506.232	8,04
Total	906.746	770.548	18	5.528.545	5.732.412	3,69

Fonte: Apinco.

Brasil: produção de pintos de corte

Milhões de cabeças

Mês	1999			2000			Var.%
	Portencial (1)	Efetiva (2)	(2)/(1)%	Potencial (3)	Efetiva (4)	(4)/(3)	(4)/(2)
Janeiro	259,5	249,3	96,07	316,8	274,9	86,77	10,27
Fevereiro	246,8	232,9	94,37	310,0	283,9	91,58	21,9
Março	262,2	260,6	99,39	323,9	275,4	85,03	5,68
Abril	262,8	256,0	97,41	325,2	262,2	80,63	2,42
Maio	271,6	266,4	98,08	329,4	258,7	78,54	(2,90)
Junho	280,7	264,0	94,05	329,9	261,7	79,33	(0,72)
Julho	289,0	272,8	94,39	330,5	267,0	80,79	(2,22)
Agosto	294,5	274,6	99,24	330,4	272	82,32	(0,45)
Setembro	296,0	261,3	88,28	327,8	268,3	81,85	2,68
Outubro	297,0	270,0	90,91	324,0	289,3	89,29	7,14
Novembro	300,7	267,1	88,83	320,6	277,4	86,54	3,85
Dezembro	307,6	270,3	87,87	314,9	283,0	89,87	4,69

Fonte: Apinco.

produção inferiores a 3,9 milhões de toneladas.

Frango exporta mais

A produção nacional teve incremento de 3,69% em 2000, segundo as estatísticas da Apico – Associação Brasileira dos Produtores de Pintos de Um Dia. O volume, no entanto, é inferior ao registrado em 1998. O setor conviveu com momentos bem críticos, principalmente no primeiro semestre. A produção teve uma forte expansão, enquanto a subida nos preços do milho pressionavam os custos de produção. Os preços de mercado não absorveram esses aumentos, e os prejuízos foram grandes.

Para 2001, a criação poderá crescer em ritmo superior a 5%. A maior oferta de milho garante custos mais competitivos.

A demanda deverá crescer no âmbito interno e na exportação. Isso certamente impulsionará as vendas de frango. O efeito da doença da vaca louca poderá elevar as compras do continente europeu e as vendas brasileiras poderão chegar à casa de 1 milhão de toneladas, de acordo coma as previsões da Abef – Associação Brasileira dos Exportadores de Frango.

Em 2000 as receitas de exportação totalizaram US$870 milhões, contra US$875 milhões em 1999. Persiste ainda a pendência com a Argentina, que acusa o Brasil de praticar *dumping* e fixou preço piso para a entrada de frangos brasileiros.

Todo o setor da produção avícola – associações, criadores de aves e matrizes – estão trabalhando com a hipótese de promover uma redução de 7% no alojamento de pintos. De qualquer forma, a tendência é de queda nos preços do frango até maio, diante da redução do custo da ração e do aumento do alojamento de pintos. A onda de otimismo no final de 2000 promoveu um crescimento 10% acima do desejado no alojamento de pintos, o que fez aumentar a produção e enfraquecer os preços.

Soja mantém o ritmo

A Abiove – Associação Brasileira das Indústrias de Óleo Vegetal – confirma as previsões de colheita recorde na safra 2000/01. As exportações do complexo – grão, farelo e soja - estão projetadas em US$4,8 bilhões. Se esse desempenho for confirmado, o setor manterá liderança no setor agrícola.

Está estimado maior embarque do grão, que no entanto não deverá alterar muito as cotações. O farelo, agora mais empregado na Europa no arraçoamento dos animais, deverá ganhar em quantidade e valor. Prevê-se uma demanda adicional de 1,5 milhão de toneladas. Para o óleo o quadro não é tão favorável, com o aumento da produção mundial e dos elevados estoques acumulados nos anos anteriores. As cotações batem 15 centavos de dólar a libra-peso e estão 35% abaixo da média histórica.

No primeiro bimestre deste ano, a comercialização da soja esteve em ritmo de conta-gotas. Os produtores aguardam uma reação nos preços, enquanto as indústrias esperam maior entrada da safra recorde. As vendas, antecipadas pelo produtor através do sistema de troca de insumos por grãos, vendas futuras e CPR, praticamente ficaram nos mesmos patamares de 1999, em torno de 15%.

Desenha-se um quadro positivo para a expansão da agroindústria neste ano. É o resultado da expectativa de crescimento econômico moderado, inflação baixa, redução na taxa de desemprego e recuperação do rendimento médio dos assalariados.

Aumenta a produção de oleaginosas

Segundo a FAO, órgão da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, a produção mundial das sete principais oleaginosas, na safra 2000/2001, deverá alcançar 305,6 milhões de toneladas, o que significa crescimento de 0,8% sobre a safra anterior.

Suíno custa menos

As vendas dirigidas à Rússia alavancaram as exportações em 2000, tendência que prevaleceu no primeiro bimestre deste ano. A meta para o exercício é embarcar 160 mil toneladas.

Hong Kong e Argentina, respectivamente, representam a segunda e terceira principais praças de comercialização da carne suína. Mas as notícias de que os criadores argentinos estão preparando um dossiê sobre a prática de *dumping* por parte do Brasil poderá afetar o desempenho projetado.

Com a erradicação da peste suína clássica em vários estados brasileiros, inclusive São Paulo, bem como a ampliação de novas áreas livres de febre aftosa, cria-se um ambiente propício para o aumento das exportações de carne suína. As barreiras sanitárias impostas pelo mercado internacional são os grandes obstáculos para o crescimento do agronegócio suinícola do país. Com as aquisições da Rússia, segundo maior importador mundial, a partir do ano passado, o quadro começa a mudar de figura.

No âmbito interno, os menores preços do milho condicionam as expectativas mais positivas dos criadores. Não obstante, os preços de venda vêm sofrendo baixa, e certamente não levarão à melhoria nas margens de comercialização. De qualquer forma a situação preocupa menos que a de 2000, pois em condições normais o setor pode apresentar um bom crescimento neste ano, com aumento no consumo *per capita* do brasileiro.